

JÂNIO ESTA DE MUDANÇA

Preocupado com a franqueza do PTB, o ex-presidente acerta ponteiros com o PP e acelera a campanha para o Palácio dos Bandeirantes.

Duas veteranas estrelas da cena brasileira – o ex-presidente Jânio Quadros, 63 anos, e o senador Tancredo Neves, 70 – ofereceram na semana passada uma impecável exibição de esperteza política. Enquanto ensaiavam para o público um namoro entre o Partido Popular (PP) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ambos acertaram, por trás dos muros que protegem a acolhedora casa do ex-presidente no balneário do Guarujá, em São Paulo, o casamento do PP, senão com o PTB, pelo menos com o janismo – eleitoralmente, talvez a mais rentável aliança consumada desde a reforma partidária de 1979.

No esforço para distrair a platéia, os dois atores foram perfeitos. Tancredo, um especialista em missões sigilosas e consumado mestre na arte de esconder o que quer, simulou irritação ao ser recepcionado no desembarque em São Paulo por uma patrulha de jornalistas – na véspera, contudo, um jornal de Brasília havia publicado os objetivos da viagem, soprados pelo próprio senador. Durante o almoço, em cujo cardápio constaram feijão, lombo de porco, couve, farofa e vinho italiano, Jânio e Tancredo, que não se encontravam desde 1961, esbanjaram seu reconhecido talento de ficcionistas, numa amistosa conversa solitariamente testemunhada pelo empresário Roberto Gusmão, o elegante vice-presidente do diretório do PP em São Paulo e confidente da principal figura do partido no Estado, o ex-prefeito Olavo Setúbal. “Estou velho e cansado”, declamou o ex-presidente, que, modesto, disse almejar apenas uma vaga na Câmara Federal. Em todo caso, concedeu Jânio, está à disposição dos amigos para tentar uma cadeira no Senado.

Tancredo discorreu para o anfitrião sobre as vantagens do cargo de senador. “É mais confortável e o tempo de mandato é maior”, lembrou. À saída do encontro Tancredo fingiu estar convencido de que o ex-presidente só quer ser deputado. E Jânio jurou que ali se tratava apenas da fusão do PP com o PTB. “É o casamento perfeito de uma sigla forte, o PTB, com a estrutura bem montada do Partido Popular”, argumentou. “Seria um fato político da maior importância para o Brasil de hoje”.

MORTE POR INANIÇÃO – É possível que a formação desse conglomerado oferecesse ao país um partido forte, de linhagem moderada e um certo apelo popular – além de uma nítida vocação para funcionar como o colchão que poderia neutralizar eventuais colisões entre radicais situados nas extremidades do leque ideológico. Solidamente ancorado em algumas fortalezas eleitorais, como Minas Gerais e Rio de Janeiro, e franco favorito em outros Estados, o PP ganharia, sem contar Jânio, o reforço de pelo menos um campeão de urnas do PTB, o amazonense Gilberto Mestrinho. O PTB, por seu turno, ganharia com a fusão o soro sem o qual estará condenado à morte por inanição.

É justamente baseado nessa franqueza congênita do PTB que gordos setores do PP, à frente a facção liderada pelo deputado Magalhães Pinto, combatem a idéia da fusão. Segundo sua linha de raciocínio, basta esperar mais algumas semanas para que Jânio - o

último grande nome que valeria a pena subtrair ao partido de Ivette Vargas, além de Mestrinho – se renda à teimosa corte que o PP lhe move desde 10 de dezembro de 1979, quando o ex-presidente e o ex-prefeito Setúbal tiveram um primeiro almoço a dois no Guarujá. Hoje, convencido de que a extensão da sublegenda à eleição dos governadores reduziria ao mínimo suas chances de chegar ao Palácio dos Bandeirantes, já que não há no PTB paulista nenhum outro nome capaz de engrossar-lhe a votação. Jânio está há algum tempo de malas prontas para uma legenda mais confortável. E sabe que uma suíte o espera nos aposentos do PP.

Para os adversários da fusão, não haveria motivo algum para festejar a chegada, na esteira de Jânio, dos naufragos do PTB paulista – um grupo de militares sem votos que a perspectiva do desabrigo iminente reduziu a flagelados políticos. Além do mais, para abrigá-los, o PP teria de cumprir o calvário estabelecido pela legislação eleitoral. Primeiro, as direções nacionais das duas legendas teriam de elaborar um programa comum e eleger uma nova cúpula partidária. Depois, esse ritual teria de ser reprisado nos diretórios regionais e municipais de todo o país. Para o partido de Ivette Vargas, seria um sopro de vida. Para a legenda de Tancredo Neves e Magalhães Pinto, seria renunciar à adolescência para nascer de novo.

SONO PERDIDO – Assim, é possível que a direção do PP, enquanto distrai o país com especulações em torno do nome do partido que resultaria da fusão – Partido Trabalhista Popular ou simplesmente PTB? –, procure ganhar tempo até que os salvados do petebismo se alistem em suas fileiras sem maiores exigências. “A fusão dessas duas siglas daria num barco furado”, desdenha o ex-governador Leonel Brizola, cujo PDT não exhibe saúde muito melhor que a do PTB. Ainda afogado na mágoa de ter perdido a legenda para Ivette Vargas, Brizola duvida tanto da viabilidade da fusão quanto torce pela morte pura e simples do PTB. Nesse caso, ele afinal obteria o direito de usar as três letras com que sonhou em seu longo período de exílio.

Brizola não tem motivos para inquietar-se com a adesão de Jânio ao PP. Prefere deixar tais aflições para o PMDB, cujos Chefes perderam o sono com os sorrisos exibidos por Jânio e Tancredo à saída do encontro no Guarujá. Velha raposa, o senador Franco Montoro certamente sabe que, enquanto discutia com Tancredo Neves se mais lhe convinha o Senado ou a Câmara, Jânio Quadros pensava no Palácio do Bandeirantes.

Uma pesquisa recentemente promovida pro militantes do PMDB constatou que, no momento, Jânio se encontra a um escasso ponto atrás de Montoro na preferência do eleitorado paulista. Será difícil batê-lo se ganhar a companhia, em sublegenda, de Olavo Setúbal – cujos votos poderiam formar, justamente, a diferença necessária para sepultar Montoro. O ex-presidente finge desconhecer essa evidência. “Olavo Setúbal é o meu candidato a governador”, repete Jânio em suas entrevistas. Mas é sabido que o candidato de Jânio sempre foi Jânio. “Só serei candidato se o povo se colocar de joelhos e orar de olhos voltados para Meca”, condiciona o ex-presidente. É apenas uma frase. Ele já está em campanha, olha para o Palácio dos Bandeirantes e, enquanto se move à caça de público, espreita o Palácio do Planalto.

Crédito: Revista Veja/Editora Abril

Fonte: Revista *Veja*, edição 666, 10 jun. 1981, p.20-21.